
RECEITA MÉDICA & BULA DE MEDICAMENTOS: *CONTINUUNS* INTERACIONAIS NO EVENTO DE LETRAMENTO CONSULTA MÉDICA

Francisco Renato Lima (UFPI)¹¹
fcorenatolima@hotmail.com

Maria Angélica Freire de Carvalho (UFPI)¹²
angelifreire@oi.com.br

Resumo: Toda atividade humana acontece mediada pela linguagem, fato que possibilita ao sujeito, construir-se na e pela interação discursiva. Nesse *continuum* interacional, os gêneros discursivos possibilitam essas ações, construindo, reconstruindo e estabilizando os sentidos das práticas discursivas entre os sujeitos. Neste estudo, trata-se da receita médica e da bula de medicamentos, como gêneros discursivos da esfera médica, que medeiam e asseguram uma continuidade do processo comunicativo entre médicos e pacientes, realizado durante o evento de letramento consulta médica. À luz da abordagem bakhtiniana, objetiva-se analisar as diferentes configurações, funções e papéis assumidos por esses gêneros na relação comunicativa entre médicos e pacientes. Acrescenta-se a essa abordagem, as leituras de: Adam (1992), Bronckart (2008/2012), Costa (2009), Dolz, Schneuwly (2004), Koch (2012), Lima (2016), Marcuschi (2010/2011); além de Kleiman (1995), Lopes (2006), Soares (2010), Street (1995/2014), entre outros, ao tratar do letramento, como prática social, realizável por meio de práticas e eventos de letramento. O *corpus* desta análise faz parte do material coletado para uma pesquisa de Mestrado em Letras - Estudos da Linguagem (UFPI) (LIMA, 2016), o qual está constituído de 45 registros fotográficos de receitas médicas; além de 48 entrevistas (45 com pacientes e 3 com médicos), nos quais esses sujeitos relatam, tanto sobre as receitas, como sobre a presença da bula de medicamentos nessa relação comunicativa. Dadas as propriedades composicionais e os propósitos comunicativos desses dois gêneros, conclui-se que eles funcionam como objetos de interação, registrando e estendendo as informações trocadas no evento de letramento consulta médica, no sentido de prescrever e orientar o paciente para o tratamento de um problema de saúde; e que a compreensão dessas informações, pressupõe-se o saber letrado desses sujeitos, no modo como eles interagem e constroem redes inferenciais de sentidos.

Palavras-chave: Receita médica. Bula de medicamentos. Evento de letramento consulta médica.

1 Considerações Iniciais

Empreender uma discussão sobre gêneros do discurso como *continuuns* de interação entre os sujeitos em contextos de letramento pressupõe, de antemão, que se considere o

¹¹ Graduado em Pedagogia (FSA) e Letras – Português (INET). Especialista em Neuropsicopedagogia Clínica e Educação Especial (IESM). Especialista em Docência para o Ensino Superior (IESM). Mestre em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI).

¹² Doutora em Linguística (UNICAMP). Professora Adjunta do Departamento de Letras e do Mestrado em Letras - Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

papel que os gêneros assumem na organização da vida social dos sujeitos, nas diversas atividades letradas das quais participam, desde as mais simples às mais elaboradas, em que a presença da língua, oral ou escrita, possibilita a realização dos propósitos comunicativos que atualizam a relação homem e mundo. Dessa forma, os gêneros do discurso estão intimamente ligados à ordem funcional dos acontecimentos do contexto histórico, social e cultural em que são produzidos.

A evidência dessa proximidade é percebida, sobretudo, quando se observa situações específicas de uso da língua, em contextos em que sua utilização se dá baseada em regras tácitas de ordenamento social, que configuram uma efetiva interação. Essas ações constituem o fenômeno do letramento, o qual, neste estudo, será recortado, especificamente, a partir do olhar analítico sobre a categoria: eventos de letramento, os quais são repletos de práticas de letramentos, como situações concretas e observáveis, nas quais os agentes de letramento articulam saberes e experiências relativas ao mundo da escrita, que lhes possibilitam a construção de sentidos e significados sobre o mundo. É nesse entremeio interlocutivo, portanto, que os gêneros assumem suas formas “*relativamente estáveis*” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 262) (Grifos do autor) de enunciar o mundo.

Mediante esse entendimento, aponta-se para dois gêneros do discurso que, dadas às particularidades que os constituem, assumem estreita relação de sentidos e possibilidade de construção de significados em uma determinada esfera da atividade humana. Trata-se da receita médica e da bula de medicamentos, que figuram como instâncias mediadoras da comunicação entre médicos e pacientes, tanto durante o evento de letramento consulta médica como, posteriormente, nas situações cotidianas em que os sujeitos precisam lidar com as informações relativas ao contexto médico.

Para ilustração dessa discussão, recorre-se aos dados da pesquisa de campo realizada por Lima (2016) em pesquisa de Mestrado em Letras - Estudos da Linguagem (UFPI), com o trabalho intitulado: “*Letramentos em contextos de consulta médica: um estudo sobre a compreensão na relação médico-paciente*”. O *corpus* da referida pesquisa, realizada no município de Nazária (PI), no primeiro semestre de 2015, constitui-se de 45 registros fotográficos de receitas médicas e 48 entrevistas (45 com pacientes e 3 com médicos). Entretanto, neste texto, utiliza-se apenas uma pequena parte desse material, com exemplos que ilustrem a relação entre gêneros discursivos, eventos e práticas de letramento.

Teoricamente, essa discussão se fundamenta em uma linha de abordagem bakhtiniana, que se avizinha as teorizações vygotskyanas sobre o sócio construtivismo, proposto na Escola de Genebra, representada principalmente, por Schneuwly/Dolz (2004); e também, Bronckart (2008/2012), ao propor o interacionismo sociodiscursivo (ISD), concepção teórica que articula olhares sobre as atividades de linguagem e os gêneros discursivos, tendo por base uma articulação entre Vygotsky e Bakhtin. Recorre-se, ainda, a leitura de autores, como Adam (1992), Bronckart (2008/2012), Dolz, Schneuwly (2004), Koch (2012), Marcuschi (2010/2011); Kleiman (1995), Lopes (2006), Soares (2010), Street (1995/2014), entre outros, que empreendem os estudos dos gêneros em uma perspectiva enunciativa de linguagem, concebendo-a como forma de interação.

Essas proposições se articulam em três partes. Na primeira, trata-se de práticas sociais e eventos de letramento, particularizando a consulta médica. A segunda aponta para os gêneros discursivos e as possibilidades de interação entre os sujeitos da linguagem, a partir do caráter injuntivo das sequências textuais que formam os gêneros. E na terceira parte, exploram-se os *continuuns* interacionais e as práticas de letramento possibilitadas pela receita médica e a bula de medicamentos. Atinentes a essas ideias, as considerações finais, buscam articulá-las, acreditando ter acrescentado às perspectivas teóricas já propostas sobre linguagem, gêneros discursivos e letramentos.

2 Práticas Sociais e Eventos de Letramento: Conchaves Teóricas

O alcance social das práticas de leitura e escrita na sociedade é vasto e principalmente, (des) ordenado, do ponto de vista de possibilidade de interação social. Por conta disso, reconhece-se hoje, a dimensão histórico-cultural dessas práticas, vislumbradas, sobretudo, pelas perspectivas teóricas dos Novos Estudos do Letramento (NLS - *New Literacy Studies*, STREET, 1995/2014), que o concebem como exercício prático da interação crítico-social entre o mundo e a escrita, com base na compreensão das formas de sistematização e organização social dessas práticas na sociedade.

Como fruto dessa percepção, destaca-se o modelo ideológico de letramento, proposto por Street (1984/1995), que apoiado nas noções de evento de letramento e práticas de letramento, propostas por Heath (1982), desenvolve a teoria, a partir da distinção entre

modelos “autônomos” e “ideológicos” de letramento, em que o primeiro refere-se às habilidades individuais do sujeito, desenvolvidas principalmente na escola, espaço onde a escrita é vista como um produto completo em si mesmo; e o segundo, configura-se como as práticas sociais que envolvem leitura e escrita, situadas em contextos socioculturais e de estruturas de poder (KLEIMAN, 1995).

Street (1984/1995) considera o modelo ideológico de letramento, partindo da necessidade de analisar a “variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos” (STREET, 1993, p. 07), nos quais os sujeitos agem com e por meio da escrita. Isto, porque, as diversas maneiras que os sujeitos utilizam e “consideram a leitura e a escrita vêm em si mesmas enraizadas em conceitos de conhecimento, de identidade e de ser” (STREET, 2003, p. 05), fato que leva o autor, a considerar todo o letramento como sendo ideológico, pois embora os modelos destacados contraponham-se, a partir de diferenças no modo como concebem a língua, eles não são excludentes: “o modelo ideológico de letramento envolve o modelo autônomo” (p. 09) e, por isso, nenhuma manifestação de uso da língua é neutra, são construídas, portanto, a partir de uma ideologia subjacente.

Na mesma linha de entendimento, e conjuntamente, Barton; Hamilton (1998) também desenvolvem uma distinção entre eventos de letramento e práticas de letramento, que amplia cada vez mais, essa noção de letramento, conferindo assim, grande destaque aos estudos que envolvem a escrita relacionada com as práticas sociais. Para os autores, esse *contínnum* de práticas de letramento envolve,

os modos culturais gerais da utilização da língua escrita a que as pessoas recorrem em suas vidas. No sentido mais simples, as práticas de letramento são o que as pessoas fazem com o letramento. Entretanto, as práticas não são unidades de comportamento observáveis, pois também envolvem valores, atitudes, sentimentos e relações sociais. Isso inclui a consciência que as pessoas têm do letramento, as construções do letramento e os discursos do letramento, como as pessoas conversam sobre o letramento e constroem seu significado. Esses processos são internos ao indivíduo; ao mesmo tempo, as práticas são os processos sociais que ligam as pessoas umas às outras, e incluem cognições compartilhadas representadas em ideologias e identidades sociais (BARTON; HAMILTON, 2000, p. 7-8)

Com base nisso, o letramento constitui um entremeio interativo entre a linguagem e o mundo, onde os sujeitos têm a possibilidade de construir a identidade e a autonomia crítica, através dos usos efetivos da língua. Desse modo, ele “[...] não é pura e simplesmente um

conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 2010, p. 72), e, assim, a distribuição desses usos ocorre conforme os contextos de produção discursiva e os propósitos comunicativos dos interlocutores. Para Scribner; Cole (1981, p. 236):

Essa noção de prática guia o modo como buscamos compreender o letramento. Em vez de focalizar exclusivamente a tecnologia de um sistema de escrita e suas reputadas consequências ('escrita alfabética promove abstração', por exemplo), abordamos o letramento como um conjunto de práticas socialmente organizadas que fazem uso de sistemas simbólicos e tecnológicos para produzi-las e disseminá-las. O letramento não consiste apenas em saber ler e escrever um tipo de escrita particular, mas em aplicar esse conhecimento para propósitos específicos em contextos específicos de uso. A natureza dessas práticas, incluindo, certamente, seus aspectos tecnológicos, determinarão os tipos de capacidades ('consequências') associadas ao letramento.

Assim, as ações sociais dos indivíduos são resultantes e condicionadas pelas circunstâncias de participação em um conjunto de práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita para além das práticas desenvolvidas pela escola. E com base neste entendimento consideram-se letramentos, no plural, situando, entre eles os letramentos em contextos de consulta médica, quando se trata a seguir, a luz da necessidade de reconhecer as múltiplas formas de organização e apresentação da escrita na sociedade.

2.1 O evento de letramento consulta médica em foco

Dentro dessa discussão sobre práticas sociais e eventos de letramentos situados em contextos específicos, figura a consulta médica, que ocorre em contextos hospitalares. Fundamenta-se essa discussão, a partir de Lopes (2006, p. 56) que, baseada nos teóricos citados anteriormente, aponta que “as noções *evento de letramento* e *práticas de letramento* constituem face de uma mesma realidade interacional” (Grifos da autora). Desse modo, pode-se dizer que elas se entremeiam, constituindo possibilidades de se compreender as manifestações explícitas ou implícitas do lugar social do sujeito no mundo por meio do envolvimento em situações de práticas de linguagem.

O reconhecimento dessas práticas sociais torna-se fundamental para a compreensão do letramento como um fenômeno eminentemente sociocultural, em que os sujeitos envolvidos na consulta médica – o médico e o paciente - leem criticamente o mundo, a partir

do contato com a leitura, seja no sentido alfabético formal, de domínio do código, seja pelo reconhecimento e compreensão dos usos sociais da escrita entremeando suas ações. E nesse conchave interativo, destacam-se duas peças escritas fundamentais: a receita médica e a bula de medicamentos, gêneros discursivos sobre os quais se discorre também neste estudo.

Ainda sobre eventos e práticas de letramento, Lopes (2006, p. 57) destaca que: “os *eventos de letramento* processam-se conforme as regras tacitamente estabelecidas, e podem desenvolver-se numa sequência de ações e envolver apenas uma pessoa ou um grupo delas para elaborar uma peça escrita ou para ler alguma previamente produzida”, e que “o *evento de letramento*, então, caracteriza-se como uma unidade concreta, por isso, observável e passível de descrição e de análise, uma vez que eventos são episódios observáveis, estruturados a partir de algum material escrito” (2006, p. 57). Já “as *práticas de letramento* configuram-se em unidades abstratas de análise que viabilizam a interpretação daquilo que é observável no *evento*” (2006, p. 57) (Todos os grifos são da autora).

Na concepção de Street (2001, p. 11), “o conceito de ‘evento de letramento’ dissociado do conceito de ‘prática de letramento’ não ultrapassa o nível da descrição”, e, portanto, Lopes (2006, p. 58) conclui que: “*eventos e práticas* constituem uma realidade interacional única, passível de diferenciação apenas para efeito metodológico”. Desse modo, essas noções se articulam no sentido de romper com as dicotomias acerca dos usos efetivos da escrita, imprimindo, assim, um caráter de historicidade e de sistematização nas regras tácitas de funcionamento social da leitura e da escrita. Com base nisso, Lima (2016, p. 61), referindo-se especificamente ao evento de letramento consulta médica, aponta que:

[...] os eventos de letramento constituem acontecimentos sociais que giram em torno da escrita, sendo mediados por regras e situações hierárquicas entre os participantes. No caso da consulta médica, essas relações vão ser determinadas pelas interações entre o médico e o paciente, que situados em um ambiente específico e apropriado para aquele acontecimento (no caso, o consultório), utilizam-se de artefatos linguísticos que evidenciam suas posições sociais e as formas como procedem com o uso da linguagem nas interações.

Considera-se, a partir disso, o caráter situado e organizado que compreende o evento de letramento consulta médica, repleto de práticas de letramento, explicitadas através de situações de uso oral ou escrito da língua, onde os sujeitos interagem socialmente através de alguma peça escrita, que nesse caso, são as receitas médicas e as bulas de medicamento,

gêneros discursivos, que mantém ativa a comunicação entre médicos e pacientes seja no momento exato de realização da consulta, ou posterior, fora do consultório médico.

3 Os Gêneros Discursivos e as Possibilidades de Interação Entre os Sujeitos da Linguagem

A situação social e o contexto histórico e cultural em que as interações acontecem são heterogêneos e pressupõem que sejam organizadas ações com a linguagem que respondam às necessidades de comunicação entre os interactantes do discurso. Conforme as especificidades do evento ou da esfera comunicativa em que estão envolvidos, os sujeitos recorrem aos gêneros discursivos como amuletos, que engendram a articulação entre o mundo particular e o mundo social do qual ele faz parte, constituindo, assim, um ininterrupto processo de atualização dos modos de ser, estar e pertencer, por meio da linguagem.

Essa compreensão, de base bakhtiniana, é apontada também por Marcuschi (2010, p. 19), quando considera a linguagem em uma perspectiva interacional, e nisso, os gêneros promovem a interação discursiva nas práticas e eventos de letramento das quais os sujeitos participam, uma vez que eles são

Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

A autenticidade disso pode ser observada nas situações de uso da língua, desde as mais simples às mais complexas, as quais são organizadas a partir de formas comunicativas muito específicas – os gêneros do discurso, identificados por “aspectos sociocomunicativos e funcionais” (MARCUSCHI, 2010, p. 22), ou “formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem” (MARCUSCHI, 2011, p. 18) que possibilitam as interações sociais.

Nesse processo, os gêneros funcionam como elementos possibilitadores de práticas comunicativas específicas (chamadas, neste estudo, de práticas de letramento) localizadas

nos eventos comunicativos (eventos de letramento, por sua vez). Ao atuarem nessas instâncias de linguagem, atendem a diferentes propósitos do “agir comunicativo” (HABERMAS, 1987) *apud* Bronckart (2012), que constitui “a atividade de linguagem em funcionamento nos grupos humanos” (BRONCKART, 2012, p. 30), orientada por “um modo de confrontação entre os elementos do mundo vivido que direcionam, primariamente, esse engajamento e os sistemas de conhecimentos formais, a partir dos quais se desenvolvem as avaliações sociais (as contestações e as justificativas) desse agir” (BRONCKART, 2008, p. 28).

Na pluralidade dessas ações, evidenciam-se os domínios letrados dos sujeitos, pela forma como respondem as necessidades comunicativas na leitura dos gêneros discursivos. Nessas práticas, os modos de organização da linguagem possibilitam que de acordo com o propósito ou expectativa pretendida, os interlocutores utilizem de mecanismos que os ajude a construir um significado para as coisas, partindo de sua experiência de mundo e letramento social. Esse engajamento se dá a partir de sua inserção em práticas sociais concretas, nas quais atuam diversas forças ideológicas e de construção de identidade, corroborando para uma veiculação entre sujeito e mundo através da língua (STREET, 1984).

Tem-se, com isso, diferentes maneiras de agir argumentativamente, com a linguagem, dado o seu caráter “essencialmente argumentativo” (KOCH, 2012), o que possibilita aos sujeitos assumirem papéis na negociação de sentidos na troca e diálogo com os interlocutores, constituindo assim, uma “forma de inter-ação social” (KOCH, 2012, p. 128). Essa interação é construída, principalmente, pelo contato com os gêneros de discurso / textos, que são distribuídos em sequências textuais, de diversas tipologias, dentre elas, a injuntiva, conforme se discute a seguir, tendo em vista os dois gêneros pesquisados: a receita médica e a bula de medicamentos.

3.1 Sequências textuais de tipologia injuntiva: forma de organização dos gêneros

A natureza da atividade comunicativa humana é permeada pelo princípio dialógico de interação pela linguagem, seja oral ou escrita, o que Bronckart (2012) chama de “interacionismo sociodiscursivo”, considerando as variáveis psíquicas, psicossociais e culturais que constituem os fatos da língua. Esse dinamismo funcional e aplicado às práticas de linguagem está presente nas sequências textuais, constituídas de *narração*, *argumentação*,

exposição, descrição, injunção e diálogo; utilizadas conforme os efeitos de sentido pretendidos.

Ao tratar dos gêneros, Adam (1992), considera-os pela questão do domínio discursivo ou formação discursiva, referindo que eles são formados por “sequências textuais”, como protótipos que atuam como representações organizadas pelo sujeito no desenvolvimento de suas atividades.

Conforme essa classificação de Adam (1992), Bronckart (2012, p. 237) aponta que a sequência injuntiva “é sustentada por um objetivo **próprio** ou **autônomo**: o agente produtor visa a **fazer agir** o destinatário de um certo modo ou em uma determinada direção”, e assim, “o agir linguageiro se traduz em um texto” (BRONCKART, 2008, p. 87) (Grifos do autor).

Também sobre a mesma questão, Dolz; Schneuwly (2004, p. 52) referem-se as capacidades de linguagem dominantes dos sujeitos, e assim, os gêneros textuais em que predomina o caráter injuntivo podem ser incluídos na ordem de “descrever ações”, “instruções e prescrições” na “regulação mútua de comportamentos” conforme normas, a fim de alcançar um objetivo.

Desse modo, tanto a receita médica, como a bula de medicamentos, inserem-se na sequência textual injuntiva, “uma vez que nas situações de uso, induzem atos e explicitam práticas sociais, organizam relações de saber agir com e sobre o mundo, de forma ordenada, temporal e lógica, por meio de etapas sequenciadas” (LIMA, 2016, 68). No caso da receita, os comandos a serem seguidos a partir de sua construção, partem, segundo Rosa (2007), da exposição de um plano de ação, instrucional, que guia os sentidos e os propósitos a que se destina. Já a bula diferencia-se, pois é “um gênero construído em uma esfera industrial-profissional” (LIMA, 2016, p. 67), mas em seu processo de produção, obedece a estrutura do enunciado, marcados por sua composição, conteúdo temático e estilo, conforme (BAKHTIN, 2011 [1979]).

Costa (2009), em detalhado estudo sobre os gêneros, a partir de um diálogo entre a Teoria dos Gêneros do Discurso de Bakhtin (2011 [1979]) e a Teoria dos Gêneros Textuais de Bronckart (2012), apresenta uma definição para esses dois gêneros em discussão. Respectivamente, a receita e a bula:

RECEITA (v. INSTRUÇÃO, PRESCRIÇÃO): prescrição (v.) médica referente a medicações ou cuidados a serem administrados aos pacientes. Também se refere a

fórmulas a serem aviadas em farmácia de manipulação e fórmulas para a preparação de produtos industriais ou de economia doméstica. Em culinária, são instruções que orientam a preparação de uma iguaria. Em todos os casos, predomina uma linguagem instrucional com uso de formas verbais (imperativo, infinitivo) de valor imperativo e impessoal. Em culinária, a receita estrutura-se geralmente em duas partes: Ingredientes e Modo de Preparo (Confecção), incluindo-se, muitas vezes, a maneira de servir. (COSTA, 2009, p. 175)
(Em negrito e Maiúsculo: Grifos do autor; Em sublinhado: Grifos meus)

BULA: [...] Na farmacologia, como suporte de textos, trata-se de um impresso que acompanha o medicamento e contém informações (mais/menos detalhadas) sobre a sua composição, utilidade, posologias, contra-indicações, etc. Numa linguagem técnica, formal, às vezes, até complicada para o leigo, embora na parte de “informações ao paciente” se procure ser menos técnico, fonte bem pequena, a bula, em geral, compõe-se de:

(i) identificação do medicamento: nome, forma farmacêutica (pomada, creme...), uso e composição;

(ii) informações ao paciente: ação esperada do medicamento, riscos, modos de uso...

(iii) informações técnicas aos profissionais de saúde: características farmacológicas, indicações, contraindicações, posologia, advertências, armazenagem, interações medicamentosas, reações adversas, superdosagem...

(iv) créditos (v.): profissional responsável, laboratório/fabricante, endereço (v.) completo;

(v) informações sobre atendimento ao consumidor: endereços e telefones. (COSTA, 2009, p. 49-50)

(Em negrito e Maiúsculo: Grifos do autor; Em sublinhado: Grifos meus)

Diante disso, afirma-se que, esses dois gêneros envolvem o diálogo e a interação, nas atividades de linguagem que intermedeiam entre os sujeitos, os quais assumem posturas ativas e responsivas, conforme se verifica a seguir, na análise.

4 Receita Médica & Bula de Medicamentos: dos *Continuuns* Interacionais e das Práticas de Letramento

Essa amostragem do *corpus* é composta de duas partes, nas quais os sujeitos são identificados conforme a classificação proposta por Lima (2016). Na primeira, têm-se as representações de dois pacientes, sobre o evento de letramento consulta médica, situando o papel da receita médica, na comunicação com o Médico 3 (**M₃/UBS₃**): **P₃₉/UBS₃** (Paciente 39/Unidade Básica de Saúde Bom Jardim) e **P₄₁/UBS₃** (Paciente 41). Na segunda, também, o relato de dois pacientes, referindo-se a bula de medicamentos, como peça escrita que possibilita a continuidade da comunicação médica: **P₈/UBS₁** (Paciente 8/Unidade Básica de Saúde Nazária) e **P₃₅/UBS₃** (Paciente 35).

4.1 Dos contínuuns da receita médica

Em sua representação, P39/UBS, especifica, o diálogo que teve com M3 a fim de compreender o nome do remédio escrito na receita médica:

P39/UBS3: [...] *aí ele me deu a receita aqui e eu não compreendi o nome do remédio, ele falou mais e aí eu disse: 'como é nome aqui doutor?', ele disse: 'Xefa', aí aqui em baixo eu fui, só pelo que eu já tenho costume de ver letra de médico vi aqui só na hora é de doze em doze hora, tá aqui. Esse 'Xefa' é oito miligramas né? É. Aí isso eu entendi, mas quando eu passo pra outras coisas aqui dele aí eu fico, porque tem uns médico que até bonzinho pra gente ler, mais ele aí tem a letra muito "garranchuda" muito. Eu sou muito curioso quando o médico tá falando que 'é isso e isso e isso, tem que fazer isso, tem que tomar remédio assim assim', eu guardo logo na minha mente, guardo logo tudim, aí tem minha irmã que tem quatro ano que cuida da minha irmã que mora comigo. Aí quando eu vou com ela no médico ele tá lá falando, falando, falando, tudim tudim, às veze três, quatro receita pra comprar remédio aí tudo, aí eu já já tô entendendo tudim. Esse agora que eu tô levando ela pro psiquiatra lá em Teresina, ele escreve e todo mundo ler a letra dele, escreve tudo direitim, todo mundo ler a letra dele.*

Veja-se, quando ele questiona a questão da legibilidade da letra e da prescrição escritas na receita:

P39/UBS3: "Como é nome aqui doutor?"

M3/UBS3: "Xefa"

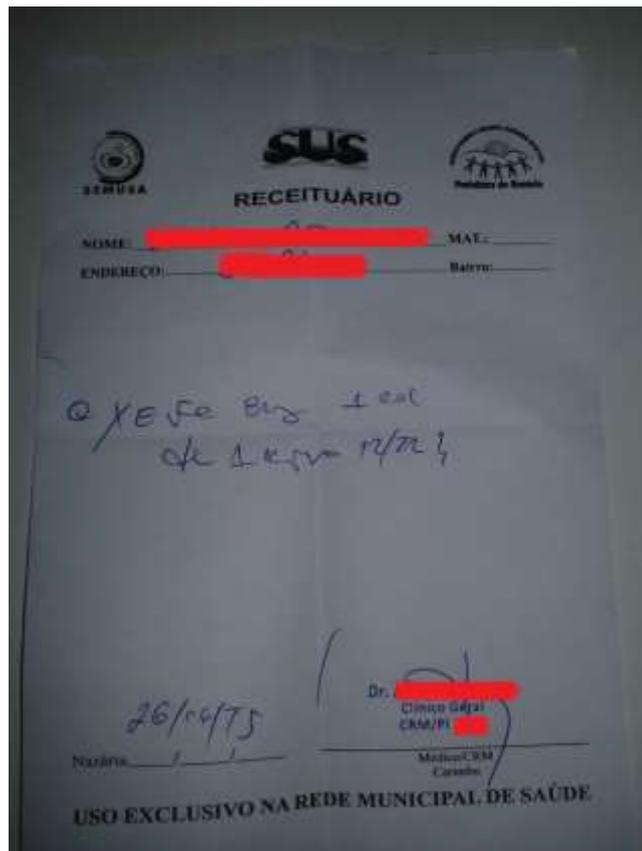
Na leitura, P39 buscou compreender as informações por meio da localização espacial das informações dentro do enquadre do papel da receita: "aí aqui em baixo eu fui", o que demonstra seu conhecimento acerca do modo como o gênero receita médica é estruturado com cada item (nome do paciente, nome do remédio, modo e horários de tomar etc.). Ainda em seu caminho de leitura, P39 diz que "só pelo que eu já tenho costume de ver letra de médico vi aqui só na hora é de doze em doze hora, tá aqui. Esse 'Xefa' é oito miligramas, né?", identificando assim, no texto da receita, elementos com um maior grau de dificuldade para serem lidos e compreendidos, como o horário de tomar a medicação e os miligramas do remédio, os quais geralmente são escritos por meio de códigos, abreviações e símbolos.

Todo esse percurso de leitura descrito por P39 evidencia o caráter sociocultural e ideológico do letramento, quando o sujeito a partir das experiências com determinado tipo de texto, passa a lê-lo, não necessariamente no sentido literal do código alfabetizado, mas no sentido social, utiliza-se de estratégias de alusão, associações ou aproximações (KOCH,

2014), a fim de retirar as informações estratégicas que possibilitem a compreensão e o desenvolvimento de sua leitura de mundo, posto que essa anteceda a leitura da palavra (FREIRE, 2011).

Veja-se a receita, objeto da discussão entre P39 e M3:

Imagem 01: Receita médica do Paciente 39/UBS3



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo (2015)

É importante ressaltar ainda, para a questão do caráter injuntivo que o gênero receita exerce na interação médico e paciente, que, por exemplo, quando o paciente relata que o médico repetiu a informação, por meio de comandos, como: *“é isso e isso e isso, tem que fazer isso, tem que tomar remédio assim, assim”*, o profissional da saúde está utilizando-se de estratégias de linguagem (recorrência de termos e ideias) (KOCH, 2014), para criar um plano de ação, de instrução para que os propósitos da consulta sejam alcançados; e nesse tratado, a receita exerce papel de ‘instrumento’ de interação e de estabilização de sentidos entre eles.

Percebe-se ainda, muito presente no relato de P39, o modo como ele avalia a questão do atendimento médico, por meio de comparações, associações e referências a outras situações, quando, por exemplo, acompanha a irmã ao médico *“psiquiatra lá em Teresina”*, e

“ele escreve e todo mundo ler a letra dele, escreve tudo direitim, todo mundo ler a letra dele”. Embora o profissional explique tudo de forma muito clara e passe as receitas de modo que ele compreenda, P39 mantém uma postura curiosa e incisiva na busca por informações claras que resolvam o problema.

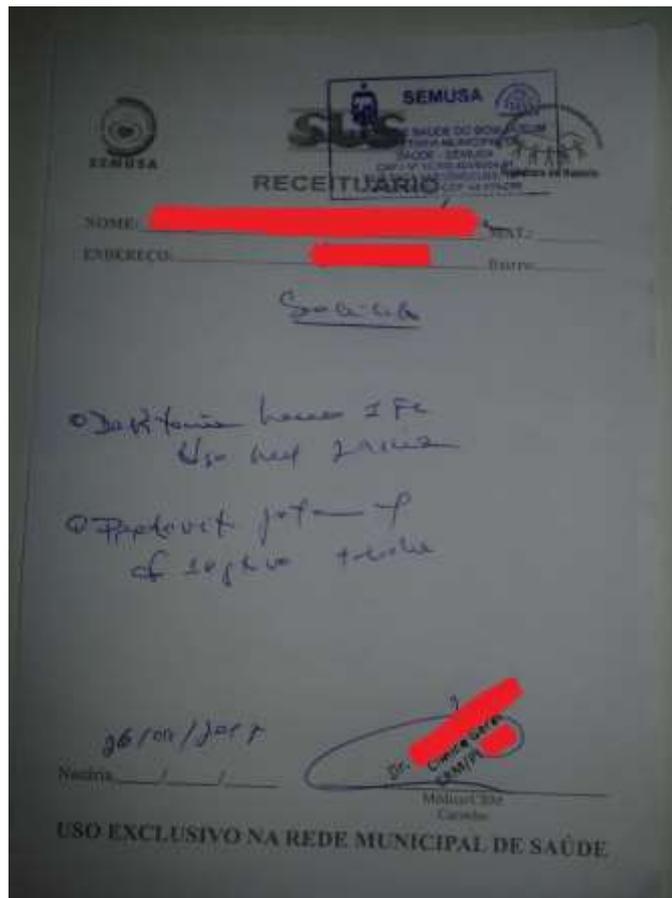
Nessa avaliação, baseada em experiências vivenciadas em outros contextos de atendimento médico, ele reconhece que “tem uns médico que até bonzinho pra gente ler, mais ele aí tem a letra muito *“garranchuda”*”. Esse termo que ele utiliza para qualificar a escrita do médico na receita, pode-se dizer que é próprio de seu vocabulário cotidiano, utilizado nos usos da vida pessoal e profissional.

Também com base na análise da discussão sobre a receita, percebe-se que P39, faz uma confusão entre letra e pessoa, quando qualifica o médico como “bonzinho”, a partir do modo como ele escreve, evidenciando assim, o fato de que a questão da letra é um determinante nessa relação. Essa ação do paciente é inconsciente, no entanto é significativa de ser observada, pois é uma relação metonímica, na qual ele toma a letra como representativa do todo da comunicação.

O outro paciente, P41/UBS3, também em sua representação sobre o evento de letramento consulta médica, refere-se ao diálogo que teve com M3, tanto **a)** criticando a questão do tamanho da letra, como um dos principais fatores que dificultam a compreensão na comunicação, como **b)** sugerindo o que poderia ser feito para melhorar o problema. Veja-se o relato:

*P41/UBS3: Eu acho que era escrever, procurar escrever mais direito pro povo entender né? É a mesma coisa de tu pegar um documentozim com **a letra bem miudinha**. Ninguém entende, eu num entendo, isso aqui [mostrando a receita, reproduzida abaixo] eu já num enxergo direito, aí como é que eu vou entender né? Aí eu tenho que perguntar uma pessoa. [...].*

Imagem 02: Receita mostrada pelo Paciente 41/UBS3



Fonte: Dados da Pesquisa de Campo (2015)

P41/UBS3 quando mostra a receita médica e aponta aquilo que entende e o que não entende, está referindo-se ao 'dizer' escrito do médico, ou seja, dando pistas do modo como se deu a comunicação durante a consulta e de como resultou em uma compreensão ou não, das informações trocadas e ao mesmo tempo avaliando todo o processo comunicativo. Assim, percebe-se o saber letrado desse sujeito, pela forma como reproduz, de forma reflexiva, explicativa e contextualizada, a situação vivenciada no evento consulta médica.

Com esse posicionamento, os sujeito atua sobre o problema ou busca atuar pelo menos. Por exemplo, quando busca ajuda com outras pessoas para auxiliá-lo na leitura da receita. Fato que decorre de sua habilidade de agir criticamente sobre as formas e os usos da escrita no cotidiano, conforme a perspectiva do modelo ideológico dos letramentos sociais.

4.2 Dos contínuuns da bula de medicamentos

O gênero discursivo bula de medicamentos, assume um papel de fundamental importância no processo comunicativo entre médicos e pacientes, seja para a) solucionar as

dúvidas deixadas pela fala ou escrita do médico; ou **b)** confirmar ou refutar uma informação relativa ao modo de tomar a medicação; conforme os dois pacientes abaixo, exemplificam, respectivamente, essas funções:

P8/UBS1: [...] *eu também leio muito as bula dos remédio pra mim saber exatamente; olho na receita, se eu não entender, mas eu entendo pelo menos os dia, por que letra de médico... (risos) [...]*

P35/UBS3: [...] *eu mermo leio também a receita às vezes do remédio que ele passa, aí eu me esqueço, mas o remédio tem também a bula, aí a gente procura ver [...]. [...]* *às vezes tem diferença do que ele passa pra gente usar, o modo que ele passa pra gente usar com o que tá na receita, aí eu vou pro da receita lá. Ele diz: 'você use assim, assim, assim', e aí eu mando minha menina lê a receita ou a bula; ou **eu leio também a receita ou a bula, aí na bula tá de outro jeito às vezes, aí eu vou pelo o que a bula tá dizendo.***

Conforme a fala dos pacientes, pode-se considerar que, a bula de medicamentos intermedeia as situações comunicativas dos sujeitos; principalmente, para solucionar as dúvidas deixadas durante o evento de letramento consulta médica, seja pela fala do médico ou pela escrita no gênero receita. Portanto, ela funciona como uma via secundária a que os pacientes recorrem posteriormente.

A bula assume a função de guiar, esclarecer e dar os comandos que organizam as ações dos sujeitos no mundo, inserindo-se, assim, na sequência textual injuntiva proposta por Adam (1992) e Bronckart (2012), uma vez que dá instruções procedimentais para a realização de ações; e funcionam também, na organização dos domínios sociais comunicativos, nos aspectos tipológicos e nas capacidades de linguagem dos sujeitos, regulando seus comportamentos, como tratam Dolz; Schneuwly (2004).

O certo é que diante das dificuldades de compreensão, decorrentes das diferenças entre a fala a letra do médico na construção da receita, o gênero bula de medicamentos cumpre um importante papel social na condução do tratamento de saúde, fornecendo informações, inclusive, de caráter mais técnico, como: composição, indicações, contra-indicações, precauções, posologia, reações adversas, efeitos colaterais, modo de usar etc.

Pelo exemplo de P35/UBS3, percebe-se que este gênero é decisivo na solução de algumas dúvidas, não somente da fala do médico, mas também da letra na receita, pois existem situações que tanto a fala, como a escrita na receita são diferentes da bula e nesses casos, prevalece a informação dada nesta última, ou seja, a bula sobrepõe-se à receita. Isso

pode ser atribuído ao fato da escrita na bula, ser digitada no computador, ter passado por um processo de 'lapidação' e de formulação dado pela esfera industrial farmacêutica, de comercialização de medicamentos; e, por isso, impõe maior confiança e credibilidade para o paciente, e neste caso, portanto, a escrita computadorizada assume uma supremacia sobre a escrita cursiva, 'à mão'.

5 Considerações Finais

Infinitas são as possibilidades de uso da língua, bem como são infinitos os gêneros do discurso, uma vez que surgem ou se modificam constantemente, a fim de atender as demandas comunicativas exigidas pelas interações discursivas dos sujeitos da linguagem. Considerando essa variedade, nesse estudo, tomou-se como objeto de análise, os gêneros receita médica e bula de medicamentos, a fim de analisar as diferentes configurações, funções e papéis que eles assumem na relação comunicativa entre médicos e pacientes.

A receita médica configura-se como um gênero co-construído durante o evento de letramento consulta médica, pelas mãos do médico e do paciente, uma vez que é a partir do relato do problema de saúde, feito pelo paciente, que o profissional organiza textualmente as informações presente na receita. Esse gênero passa a acompanhar o paciente, como uma continuidade das informações trocadas durante a consulta, constituindo assim, uma relação dialógica.

Já a bula de medicamentos assume outra configuração, pois embora também, seja uma continuidade do processo comunicativo entre médicos e pacientes, servindo também como fonte de consulta, é construída fora do evento de letramento consulta médica. É adquirida na farmácia, na compra do remédio, e então passa a integrar-se àquele quadro comunicativo iniciado anteriormente. E nesse processo, como percebeu-se, em termos de importância e função, pode emparelhar-se, distinguir-se ou substituir a receita médica, em virtude de ter um caráter de produção industrializada, que lhe confere grande respaldo social, na cultura letrada atual, ainda fortemente influenciada pelo modelo autônomo de letramento.

Desse modo, pelas relações que possibilitam nos contextos de letramento, esses dois gêneros do discurso, atendem a propósitos comunicativos intrincados e dialógicos, por meio

dos usos da linguagem, explicitados por formas elaboradas de ver e dizer o mundo. Ambos se inserem na classificação bakhtiniana, como gêneros de natureza secundária, visto que se constituem como vias comunicativas de desdobramentos diversos na vida social do paciente, como comprar o remédio, seguir os horários de tomá-los etc., entre tantas outras aberturas de produção discursivas, verificadas na leitura dos dados.

Dadas as especificidades próprias de cada um, vislumbra-se uma aproximação concreta entre eles, na medida em que se mantém como *continnuns* interacionais entre práticas e eventos de letramento e modalidades de uso da língua (oral ou escrita). Servem como fonte de registros de informações recorrentes na comunicação entre médicos e pacientes, e, portanto, necessárias de serem compreendidas, para que haja sucesso no tratamento do problema de saúde.

É também diante dessas manifestações e da complexidade atreladas ao uso da escrita, que sobressaem-se os comportamentos e habilidades letradas de cada sujeito, na forma como lidam com os gêneros, assumindo papéis de negociação de sentidos, argumentação e tomada de posicionamentos crítico-reflexivos em diferentes práticas e eventos de letramento social dos quais participam.

Referências

ADAM, J. M. **Les textes**: types et prototypes – récit, description, argumentation, explication et dialogue. Paris: Nathan Université, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. [1979].

BARTON, David; HAMILTON, Mary. **Local literacies**: reading and writing in one community. Londres e Nova York: Routledge, 1998.

_____; _____. Literacy practices. In: BARDON, David *et al.* **Situated literacies**: reading and writing in context. Londres/Nova York: Routledge, 2000, p. 7-34.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sociodiscursivo. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2012.

_____. **O agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência Suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 35-60.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

HEATH, Shirley B. Protean shapes in literacy events: ever-shifting oral and literate traditions. In: TANNEN, Deborah (Ed.). **Spoken and written language: exploring orality and literacy**. Norwood, N.J.: Ablex, 1982. p. 91-117.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **O texto e a construção de sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LIMA, Francisco Renato. **Letramentos em contextos de consulta médica: um estudo sobre a compreensão na relação médico-paciente**. 2016. 254 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

LOPES, Iveuta de Abreu. **Cenas de letramentos sociais**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-38.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011. p. 17-31.

ROSA, A. L. T. No comando, a sequência injuntiva! In: DIONÍSIO, Â. P.; BEZERRA, N. S. (orgs.). **Tecendo textos, construindo experiências**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 11-53.

SCRIBNER, Sylvia; COLE, Michael. **The psychology of literacy**. Cambridge: Harvard University Press, 1981.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

_____. **Cross-cultural approaches to literacy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

_____. **Social literacies**: critical approaches to literacy in development, ethnography and education. Harlow: Pearson, 1995.

_____. **Literacy and development**: ethnographic perspectives. London and New York: Routledge, 2001.

_____. **Abordagens alternativas ao letramento e desenvolvimento**. Apresentado durante a Teleconferência UNESCO Brasil sobre 'letramento e Diversidade', outubro de 2003.

_____. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.